

**A escrita de si através do outro:
uma análise do livro *O Lugar* de Ernaux pela ótica sociológica de Bourdieu**

Webert Guiduci de Melo¹

RESUMO: O presente trabalho busca analisar o texto *O lugar* de Annie Ernaux, identificando como sua escrita autobiográfica expõe as relações de poder através da figura do pai, da história de sua família e do mundo campestre de sua infância. Como base teórica, utilizaremos os conceitos sociológicos desenvolvidos por Pierre Bourdieu, como a violência simbólica, *habitus*, lugar, bem como, as questões da relação entre dominantes e dominados, princípios teóricos que nos orientará na construção literária de Annie Ernaux,.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu; Violência simbólica, Autobiografia, Relações de poder.

ABSTRACT: This paper intends to analyse Annie Ernaux's text *La Place*, identifying how her autobiographical writing exposes the power relations through the figure of the father, the story of her family and the countryside where she used to live during her childhood. As a theoretical basis, we use sociological concepts developed by Pierre Bourdieu as symbolic violence, *habitus*, "place", as well as the issues of the relationship between rulers and ruled, theoretical principles that guide us in the reading of Annie Ernaux literature.

Key-words; Pierre Bourdieu; Symbolic violence, Autobiography, Power relations.

Introdução

*Os homens fazem eles mesmos sua história,
mas num meio determinando que os
condiciona.*

Engels

O livro *O Lugar* de Annie Ernaux, escrito em 1983, descreve a vida de seu pai, bem como sua relação com ele, além de apresentar a experiência da autora com o seu deslocamento de um mundo rural e periférico para o mundo burguês-intelectualizado, no qual leva Ernaux a se tornar professora e se afastar definitivamente do mundo campestre na qual cresceu.

¹ Mestrando em Estudos Literários na UFJF. Graduado em Ciências Sociais e Letras pela UFJF.

Porém, sua obra não representa apenas uma “simples” escrita de si, mas ela se posiciona por descrever as questões sociais que a envolveram e estão presentes entre estes dois mundos em que ela transitava.

Em *O Lugar*, Ernaux extrapola a questão de gênero. Apesar de ter consciência da situação da mulher na sociedade e ser uma leitora de Simone Beauvoir, ela toma posição primeiro quanto à questão social, orientação que se apresenta de forma destacada em suas reflexões. Em relação à questão do feminismo ela expõe o seguinte:

O feminismo não é uma bandeira para mim, é uma necessidade de ordem da ação, de ordem política. Eu o manifesto escrevendo e não pensando que sou uma mulher, mas indo o mais longe possível na realidade humana. Essa inclui as mulheres, a condição das mulheres e especificidades como, por exemplo, as relações mãe/filha. (tradução nossa)²

Em outro momento ela reafirma a direção que a sua escrita converge: para as questões sociais, sendo, assim, um ponto importante na construção de sua obra:

Há em mim, sobretudo, essa convicção: a determinação da origem social e a determinação do lugar social são mais importantes que a individuação sexual. Mesmo se essa última conte. Mas eu colocaria em primeiro o social. (tradução nossa)³

Este seu posicionamento se mostra mais claro, quando ela demonstra a forte influência de Pierre Bourdieu não só em relação a sua escrita, mas em relação a sua própria vida e a forma com que ela analisa o seu mundo e sua história. Bourdieu é para ela o intelectual responsável por desmascarar uma realidade que se apresenta e se constrói como natural, mas que na verdade esconde relações de poder tanto nas escolhas estéticas quanto nas práticas

² Le féminisme n'est pas un étendard pour moi, c'est une nécessité, de l'ordre de l'action, de l'ordre du politique. Je le manifeste en écrivant, et non pas en pensant que je suis une femme mais en allant le plus loin possible dans la réalité humaine. Celle-ci inclut les femmes, la condition des femmes et des spécificités comme, par exemple, les rapports mère/fille. (FORTE ERNAUX, 2003, p.987)

³ il y a surtout en moi cette conviction: la détermination de l'origine sociale et de la place sociale sont plus importants que l'individuation sexuée. Même si celle-ci compte. Mais je mettrais en premier le social. (FORTE ERNAUX, 2003, p. 987)

sociais. Ela observa a importante contribuição que este *intellectuel engagé* realiza na própria linguagem, alterando e desvendando as classificações coletivas e mostrando as verdadeiras relações sociais, que envolvem, na verdade, relações de poder:

Questão de linguagem; substituir, por exemplo, “ambientes, pessoas, modestas” e “camadas superiores” os termos “dominados” e “dominantes”, é mudar tudo: no lugar de uma expressão eufemizada e quase natural das hierarquias, é mostrar a realidade objetiva das relações sociais. (tradução nossa)⁴

A própria escrita para Ernaux deve ser tomada como uma ação política, pois deve ter como finalidade um agir sobre o mundo e uma reflexão para buscar a verdade e entender a sua realidade social:

Eu nunca pensei utilizar o termo “escritor engajado” para me definir, tão claro está que escrever é, para mim, uma atividade que tem por finalidade uma ação sobre o mundo. Não encantar os leitores, transportá-los para um universo insólito, inquietante ou feliz, mas, eu creio – como já o havia dito no *L'Événement* a propósito de outra coisa – envolver o leitor no “espanto do real”. Fazer ver o que não se via e que eu mesma não via antes de escrever, cujo impacto real me escapa também. Mas o importante é tentar trazer um pouco mais de verdade e de escolher, na própria escrita literária, os “meios” mais certos para atingir essa verdade. (tradução nossa)⁵

Dessa forma, queremos analisar o seu livro *O Lugar*, através do pensamento sociológico de Bourdieu, observando como Ernaux o reinterpreta na sua escrita. Assim, sua literatura se apresenta dentro de uma posição política: um agir sobre o mundo. Sua escrita é um refletir sobre a questão do poder e sobre a questão simbólica na sociedade.

⁴Question de langage ; substituer, par exemple, à "milieux, gens, modestes" et "couches supérieures" les termes de "dominés" et "dominants", c'est changer tout : à la place d'une expression euphémisée et quasi naturelle des hiérarchies, c'est faire apparaître la réalité objective des rapports sociaux. (ERNAUX, 2002)

⁵ Je n'ai jamais pensé utiliser le terme "écrivain engagé" pour me définir, telle-ment il est clair qu'écrire est pour moi une activité qui a pour finalité une action sur le monde. Non pas enchanter les lecteurs, les transporter dans un univers insolite, inquiétant ou heureux, mais, je crois - comme je l'ai dit dans *L'Événement* à propos d'autre chose - entraîner le lecteur dans "l'effacement du réel". Faire voir ce qu'on ne voyait pas et que moi-même je ne voyais pas avant d'écrire, dont l'impact réel m'échappe aussi. Mais l'important, c'est d'essayer d'apporter un peu plus de vérité et de choisir, même dans l'écriture littéraire, les "moyens" les plus sûrs pour atteindre cette vérité. (FORT E ERNAUX, 2003, p. 987 e 988)

Ernaux faz da obra de Bourdieu a sua moldura para desenvolver suas reflexões na relação com o próprio pai, da relação do marido e do filho com este lugar, com o local que ela nasceu, que se mostra distante e quase terra estrangeira. Um espaço mítico de sua memória.

1. *Habitus*, Campo e Reprodução: conceitos de Bourdieu como moldura para *O Lugar*.

Inicialmente, faz-se necessário apontarmos alguns pontos do pensamento de Bourdieu, para ficar claro como o seu pensamento influencia a obra de Ernaux. Alguns conceitos serão importantes para a análise do livro *O lugar*, pois sustentam e moldam a prosa da autora no desenvolver de sua reflexão.

O lugar, nome que intitula a obra, mais do que uma posição física, mais que uma posição de localização espacial, refere-se às questões de posição social, e assim, aos círculos que criam as diferenças entre classes, culturas e gerações, e que se baseiam em uma estrutura social que dissimula todo um discurso de sustentação dessas diferenças.

Evidentemente, também podemos perceber uma questão de localização espacial, pois temos de um lado o campo em contraste com a cidade. A passagem de um lugar para outro é também algo que está presente na obra de Ernaux, sendo o distanciamento de sua casa a última etapa real de sua mudança de classe e cultura. Ou como ela denomina “a sua traição”, que ocorre no salto, não em relação a uma questão evolutiva ou de aprimoramento, mas realmente de deslocamento, um salto para uma classe burguesa, a classe dominante.

Essa visão de lugar é o que podemos relacionar a um dos principais conceitos desenvolvidos por Bourdieu, denominado “campo”. O conceito de “campo” que se refere ao espaço onde a posição dos agentes se encontram a priori fixadas, ou seja, cada agente tem uma posição determinada nas relações sociais, com seus “locais” determinados, e é dentro deste campo que os agentes se movimentam e possuem certa liberdade. Como define Ortiz (1983):

O campo se define como o *lucus* onde se trava uma luta concorrencial entre os atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão. Por exemplo, o campo da ciência se evidencia pelo embate em torno da questão científica; o campo da arte, pela concorrência em torno da questão da legitimidade dos produtos artísticos. Dentro dessa perspectiva resolve-se o problema da adequação entre ação subjetiva e objetiva da sociedade, uma vez que todo ator age no interior de um campo socialmente predeterminado. (ORTIZ, 1983, p. 19)

Existe, assim, um processo dialético identificado por Bourdieu em relação à ação dos indivíduos, que se encontram entre o poder coercitivo da sociedade e, por outro lado, também passa por escolhas subjetivas desses mesmos agentes. Assim, Bourdieu retoma o conceito de *habitus* da escolástica, mas o reinterpreta e define como:

[...] sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio das operações necessárias para atingi-lo e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente. (BOURDIEU, 1983, p. 61)

Bourdieu encontra uma mediação entre a velha discussão sociológica que envolve a ação objetiva, presente na obra de Emile Durkheim, que coloca a sociedade acima do indivíduo, sendo este um mero receptor das ações coletivas, onde o todo (a sociedade) não corresponde à soma de suas partes (os indivíduos), e a ação subjetiva, de metodologia fenomenológica, discutida por Max Weber, que apresenta as ações como fruto da subjetividade humana, sendo o coletivo a soma dessas subjetividades, ou seja, o mundo ou o coletivo se constroem a partir da representação das intersubjetividades. Ou seja, as ações subjetivas no conceito weberiano são colocadas como ações individuais conscientes de suas metas, e que a sociedade é produto da relação dessas subjetividades.

O *habitus*, por sua vez, não nega a objetividade, ou melhor, a coerção assumida pelo coletivo sobre o indivíduo, mas vai além, e observa que este indivíduo tem a capacidade de

trabalhar dentro de uma estrutura estruturante, em que sua posição não é totalmente fixa.

Porém, essas ações individuais para Bourdieu não apresentam indivíduos conscientes de suas metas, como em Weber, pois para ele os agentes estão situados em uma estrutura que lhes impõe uma certa violência, de natureza simbólica, não sendo donos totalmente livres de suas ações. Bourdieu oferece uma nova metodologia para entender a sociedade, que ele denomina de abordagem “praxiológica”

[...] que tem como objetivo não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade. (BOURDIEU, 1988, p. 47).

Dessa forma, o indivíduo navega por um espaço social em que recebe a estrutura e a modifica conforme valores construídos coletivamente. Bourdieu insere uma nova interpretação nas relações humanas e demonstra que o campo social, que é simbólico, se divide entre os dominantes e dominados, o que o leva a definir os conceitos de ortodoxia e heterodoxia, como elementos importante na produção das ideologias e é explicado pelo sociólogo Renato Ortiz:

Ao pólo dominante correspondem as práticas de uma ortodoxia que pretende conservar intacto o capital social acumulado; ao pólo dominado, as práticas heterodoxas que tendem a desacreditar os detentores reais de um capital legítimo. (...) Pode-se, desta forma, instituir um processo de legitimação dos bens simbólicos, assim como estabelecer um sistema de filtragem que determine aqueles que devem ou não ascender na hierarquia cultural. Os que se encontram no pólo dominado procuram manifestar seu inconformismo através de estratégias de “subversão”, o que implica um confronto permanente com a ortodoxia. (ORTIZ, 1983, p. 23)

Assim, Bourdieu identifica que as instituições, como a escola, as universidades, as casas de moda e as galerias artísticas, que a princípio são instituições identificadas como “libertadoras” e progressistas, na verdade acabam por se transformarem em agentes de

reprodução das ideologias de conservação das elites dominantes. Então, um jovem que investe nos estudos e quer produzir conhecimento científico, por exemplo, não está simplesmente produzindo conhecimento, existe um interesse deste aluno para participar do jogo, e a moeda necessária para se movimentar neste campo é o acúmulo de “capital cultural”, que é o que o assegura e o eleva entre os pesquisadores. Ou seja, não há na própria educação um princípio libertador, mas sim, uma seleção de alguns para a própria manutenção da ordem. Aqui temos outro ponto importante no pensamento de Bourdieu, a relação entre os homens é uma relação de poder, o que é oferecido como novo e libertador hoje, será o que se cristaliza e domina amanhã. A própria revolta, nada mais é, que um combustível da própria ordem. Dessa forma, a dominação é dupla: “primeiro enquanto discurso ideológico, segundo enquanto categoria lógica que ordena a própria representação social.” (Ortiz, 1983, p. 16).

Esse mundo social apresentado por Bourdieu é absorvido por Ernaux, que passa a refletir sobre sua própria vida a partir desses referentes teóricos.

2. Ernaux, também leitora de Bourdieu

O tom do livro *O lugar* já é apresentado na própria epígrafe que Ernaux seleciona antes de iniciar sua história. Ele escolhe a seguinte situação de Jean Genet : “Arrisco uma explicação: escrever é o último recurso quando se traiu”.

Assim, ela se apresenta como alguém que praticou uma traição, mas qual e em que sentido?

Seu livro é narrado em primeira pessoa. Inicia-o falando sobre a sua aprovação como professora oficial no liceu de Lyon, na Croix-Rousse. Posteriormente temos um corte brusco para a questão da morte do pai. Ela retrocede mais e conta a vida rapidamente de seus avós para introduzir a vida de seu pai e apresentar o ambiente social ao qual seu pai pertencia (e ela

também inicialmente), para depois chegar novamente ao falecimento e ao enterro. E finaliza o livro com um encontro com uma ex-aluna que se tornou caixa em um supermercado.

A figura do pai é que norteará as suas reflexões durante o desenrolar do livro e representará o maior antagonismo entre o seu antigo mundo e sua passagem para o mundo burguês. O que a coloca em uma posição de espanto, como se tudo o que tivesse ocorrido em sua vida até aquele momento ela não tivesse compreendido e que somente com a morte do pai, através de um sentimento de perda, passou a ser capaz de entender os mecanismos que operaram em sua vida. O pai como o último grande elo com aquele modo de vida antigo que não mais lhe pertencia:

No comboio de regresso, no domingo, procurei distrair o meu filho para que se mantivesse tranquilo, os passageiros de primeira não gostam de barulho e de crianças traquinas. De repente, com estupefação, “agora, sou realmente burguesa” e “é tarde demais. (ERNAUX, 1987, p. 17).

Mas, seu pai não é um agente que impedirá a sua ascensão, por outro lado, como observa ela própria sobre seu pai: “Talvez o seu maior orgulho, ou mesmo a justificação da sua existência: que eu pertencesse ao mundo que o tinha desprezado.” (ERNAUX, 1987, p. 89).

Ernaux, então, constrói uma bela metáfora, que representará uma significativa imagem sobre o encontro dela com um outro mundo: um mundo da escola, da biblioteca, do mundo burguês, que serão apresentados por seu próprio pai, mesmo que este não tenha nenhuma intimidade com estes locais. Seu pai será, assim, o “barqueiro entre duas margens, sob a chuva e o sol” (ERNAUX, 1987, p. 89), aquele que a levava na bicicleta da casa à escola e lhe entregava a um novo mundo, que acima de tudo, fez com que ela se distanciasse dele próprio e que foi o motivo de criação do próprio livro.

Queria pronunciar-me, escrever sobre o meu pai, a sua vida, e esse afastamento que surgiu na adolescência entre ele e eu. *Um afastamento de classe, mas particular, que não tem nome. Como o amor separado.* (ERNAUX, 1987, p. 17,

grifos nossos)

A sua escrita buscará uma neutralidade ou um despojamento para apresentar seu pai, pois simples ele era e não seria fiel uma postura “fantasiosa de sua figura”, uma representação num romance. Como ela expõe: “Para dar conta de uma vida dominada pela necessidade não tenho o direito de tomar em primeiro lugar o partido da arte, nem de fazer qualquer coisa de “apaixonante” e “comovente”. (ERNAUX, 1987, p. 17). Assim, o que ela quer rejeitar é a própria instituição “literatura culta”, instituição do mundo burguês, mas se engana, pois os cânones já estão presentes em sua escrita e em sua formação, como podemos observar no diálogo que ela faz com a “alta literatura” em seu livro e até compara com seu pai: “Quando leio Proust ou Mauriac não penso que eles evoquem o tempo em que meu pai era criança. O tempo dele era a Idade Média.” (ERNAUX, 1987, p. 21). Um modo claro, também, de demonstrar as diferenças sociais.

A escrita se faz para ela dentro de um sentimento de perda, mas se não apresenta alguma felicidade, não se faz menos comovente, pois ela busca recuperar através de sua memória um mundo não mais possível para a ela:

Naturalmente, nenhuma felicidade em escrever, neste empreendimento em que procuro cingir-me o mais possível às palavras e às frases ouvidas, sublinhando-as por vezes com itálico.

Não indicar ao leitor um duplo sentido e dar-lhe o prazer de uma cumplicidade que recuso em todas as formas: nostalgia, patético ou ridículo. Simplesmente porque essas palavras e essas frases definem os limites e a cor do mundo em que viveu o meu pai, no qual vivi também. *Aqui nenhuma palavra podia ser tomada por outra.*” (ERNAUX, 1987, p. 35, grifos nossos)

A palavra, aspecto muito importante, e que se encontra presente em todo o livro e principalmente na postura do pai frente à linguagem e a habilidade de leitura e escrita. A linguagem culta é tomada como ponto importante para a criação e aquisição de “capital cultural”, como forma de diferenciação do mundo campesino e principalmente de aceitação para um mundo moderno, visto que o mundo antigo era totalmente

desvalorizado. A própria referência ao avô demonstra esse posicionamento de sua família: “Sempre que me falavam dele, começavam por „ele não sabia ler ou escrever”, como se a sua vida e o seu caráter não pudesse ser compreendidos sem esse dado inicial.” (ERNAUX, 1987, p. 19). O próprio pai em diversas passagens demonstra a preocupação constante com a forma de falar e de se portar em público, com a aparência e com o que outros pensariam. Ernaux, assim, descreve:

Diante de pessoas que considerava importante mostrava um embaraço tímido, nunca fazendo quaisquer perguntas. Em suma, comportando-se com inteligência. Esta consistia em perceber a nossa inferioridade e em recusá-la escondendo-a o melhor possível. (ERNAUX, 1987, p. 47).

A rejeição ao próprio dialeto, que também representaria sua “inferioridade”: “Para o meu pai, o dialecto era qualquer coisa de velho e desagradável, um sinal de inferioridade. Orgulhava-se de ter conseguido desembaraçar-se dele parcialmente” (ERNAUX, 1987, 49), mas em contrapartida, mostrava satisfação quando alguém “superior” utilizava uma expressão coloquial: “o meu pai repetia com satisfação a frase do doutor à minha mãe, feliz por acreditar que essas pessoas, no entanto distintas, tinham ainda algo de comum connosco, uma pequena inferioridade.” (ERNAUX, 1987, p. 49). Assim, o capital social é posto como uma valiosa moeda, mesmo que inconscientemente, as formas reprodutivas se fazem mais perniciosas do que aparentemente se apresentam, pois o que temos é a autorejeição a si mesmo, a sua cultura e ao seu meio, numa forte recusa a tudo o que direciona para o local e para o campo.

Porém, devemos observar que o próprio mundo de seu pai, também, apresenta várias instâncias, ou lugares, que este também vai “conquistando” ao longo da sua vida. Uma vida simples, não significa uma vida simbolicamente pobre. O conceito de “campo” em Bourdieu pode gerar uma grande estratificação entre dominantes e dominados, porém dentro de cada esfera teremos os privilegiados em relação a uma grande massa, como quando o seu próprio

pai passa de trabalhador rural para operário, e não tem mais o cheiro de vacaria. Depois torna-se comerciante, vive um período numa vida dupla de operário e comerciante, mas sempre valorizando sua segunda situação. Assim, Ernaux nos dá uma demonstração do movimento e mudança de local também realizado por seu pai, que “ultrapassara o primeiro círculo” (ERNAUX, 1987, p. 26) e conquista um status diferenciado em seu meio social quando passa a dono de comércio e proprietário do imóvel, o primeiro da família a ter um imóvel próprio. Outras passagens nos oferecem a mesma ilustração: “Ele não bebia. Procurava pôr-se no seu lugar. Parecer mais comerciante que operário.” (ERNAUX, 1987, p 34). Gerando uma inveja entre os irmãos de seu pai e de sua mãe devido às melhorias materiais de sua vida. Não há solidariedade de classe tão forte, que suporte a felicidade do outro, principalmente quando envolve diferenciação material.

Um outro forte ponto de tensão é na própria posição do marido, pertencente ao novo mundo, e que não tem identidade e nem solidariedade e apenas cumpre uma função social no enterro de seu sogro: “O meu marido chegou à noite, bronzeado, constrangido por um luto não sentido. Mais do que nunca, pareceu deslocado aqui.” (ERNAUX, 1987, p. 14). Assim, o seu “lugar” não era ali e nas outras viagens de Ernaux à sua casa sempre ia sozinha ou com o filho.

Eu ia sozinha, calando as verdadeiras razões da indiferença do genro, razões indizíveis, entre ele e eu, e que admiti como naturais. Como poderia um homem nascido na burguesia doutorada, constantemente “irônico”, ter prazer na companhia de gente simples, cuja gentileza, reconhecida por ele, nunca compensaria a seus olhos essa falta fundamental: uma conversa espiritual. (ERNAUX, 1987, p. 77).

O filho é outro bom exemplo da representação deste seu deslocamento e distanciamento de seu mundo de origem. Seu filho denomina o avô como um estranho: “Porque é que o senhor faz oó?” (ERNAUX, 1987, p. 84). É claro que temos o peso dele passar uma boa época distante da casa de seus avós, mas podemos observar mais um detalhe da diferença entre estes mundos: é a não identificação de uma futura geração com este antigo

mundo. Ernaux transpôs uma barreira, e agora este mundo não era mais o seu lugar.

Assim, o sentimento de culpa, de desistir e trocar o mundo de seus pais por um novo e “melhor” mundo é assumido por ela como traição, pois aparentemente rejeitar o seu antigo mundo é rejeitar sua casa, o seu pai. Sentimento simbolicamente representando no início de sua fala através da indicação do livro “Pai Goriot” de Balzac, narração que apresenta a exploração do Pai Goriot pelas filhas, sendo que elas o abandonam e o deixam na miséria para morrer.

Porém, se durante sua vida ela teve alguma dúvida quanto à intenção de seu pai em relação ao seu sucesso, esse se desfez quando ela ao abrir a carteira de seu pai, após o enterro, descobre um recorte de jornal que “dava os resultados, por ordem de mérito, do concurso de acesso dos bacharéis na Escola Normal de Professores. O segundo nome era o meu” (ERNAUX, 1987, p. 16).

Seu pai sempre era a ponte entre os dois mundos e quem sempre a incentivou a continuar, através da escola ou através de momentos como na visita à biblioteca quando Ernaux era criança, e apresenta-lhe este tipo de instituição com o seu universo dos livros. Evidentemente, que o sentimento de seu pai era retê-la, de alguma forma, ao seu lado, mas seu sentimento paterno, possibilitava e incentivava o contato com este outro mundo que ela faria parte. Dessa forma, se Ernaux cometeu uma traição, temos um claro cúmplice, e este era seu pai. O barqueiro que tornou viável a transposição e o contato com um mundo completamente diferente, mesmo sabendo que isto levaria a uma distância entre ambos.

Conclusão: falar de si através dos outros, através dos seus.

Ao longo de sua escrita Ernaux vai identificando conflitos que não apresentam solução. A reconstrução de suas memórias em seu antigo meio social e a tentativa de localizar uma felicidade antiga que se perdeu. Mas também sabe que este seu antigo mundo era a construção de uma vida alienante:

Via limitada, ao escrever, entre a reabilitação de um modo de vida considerado com interior e a denúncia da alienação que a acompanha. Porque esta maneira de viver era nossa, a própria felicidade, mas também as barreiras humilhantes da nossa condição (...), gostaria de falar ao mesmo tempo de felicidade e da alienação. Impressão, imediata, de balançar de um lado para o outro dessa contradição. (ERNAUX, 1987, p. 42)

Em outro ponto de seu texto ela reflete sobre sua condição atual e sua relação com seu antigo mundo, mundo taxado como inferior:

A decifração destes pormenores impõe-se-me agora, como tanto mais necessidade quanto eu os esqueci, certa da sua insignificância. Só uma memória humilhada podia fazer-me conservá-los. Submeti-me à vontade do mundo que vivo, que procura fazer vos esquecer as recordações do mundo inferior como se fosse qualquer coisa de mau gosto. (ERNAUX, 1987, p. 57)

O que temos é a clara evidência de violência que nos foge aos olhos e é identificada por Bourdieu como “violência simbólica”, uma dominação suave, que disfarça as relações de poder que controlam os agentes e a sociedade. Ernaux vive este conflito, pois já interioriza em si uma ideologia que nega seus antigos valores e não reconhece este seu antigo mundo como igual. Ernaux transita dessa forma entre os *habitus* e assimila a condição de sua nova classe, seu novo lugar social, ou seja, o *habitus* é uma força social invisível que naturaliza a posição do indivíduo em seu meio. Ou nas próprias palavras de Ortiz:

Sabendo-se que o *habitus* assegura a interiorização da exterioridade e adequa a ação do agente à sua posição social, tem-se que as diferenças de classe se

objetivam nas disposições que possuem os indivíduos em consumir legitimamente as obras consideradas legítimas. (ORTIZ, 1983, p. 25)

Evidentemente que Ernaux tem o mesmo sentimento de alguém em terras estrangeiras que aprendeu a gostar no novo lugar e de suas vantagens, mas tem na memória a construção mítica de seu mundo de origem, e o conflito entre o mito e o real se apresenta de forma dura, pois sabe que é a manutenção de uma ordem se constrói através de um discurso falso, que tenta embutir nos dominados a lógica do trabalho para sucesso na vida, assim como, criar uma aparente satisfação e felicidade quanto às condições de vida, mesmo que esta seja dura e cansativa, é que ela denuncia através dos discursos como “Mas a certeza de que não podemos ser mais felizes do que somos.” (ERNAUX, 1987, p. 61) Discurso que embute a mais perversa das violências, que impossibilita buscar algo materialmente melhor, e por outro lado, rejeitar a cultura e o próprio espírito deste homem do campo, representado na figura do pai de Ernaux, pois o mundo das gentes simples é dado como inferior e empobrecido.

Em Bourdieu não temos uma saída clara para a transformação. Sua posição, neste sentido acaba sendo mais de denúncia e de problematização, do que de apontar direções que nos libertem. Para a questão da transformação, Bourdieu apresenta uma postura mais prática, uma posição de intelectual engajado, do que teórico. Sua presença se fazia presente no dia-a-dia da sociedade francesa, na sua luta contra o neoliberalismo.

Mas no livro *O Lugar* temos um texto que vai além da denúncia e, talvez, propicie o encontro de uma felicidade que não seja associada à alienação. Demonstra o forte papel que a literatura tem a desempenhar, mesmo que seja uma luta para reconstruir algo que não pode ser.

A literatura como princípio próprio é direcionada para a alteridade. O que Ernaux faz em sua escrita de si, é se apresentar e reconhecer sua condição, mas através da fala do outro, em relação à casa de seus pais, o seu mundo rural. A literatura possibilita que o outro fale, mas que fale de sua posição, mesmo que configurado em uma ideologia que o submeta a

valores falsos e distantes de sua realidade. Porém, neste ponto entra o papel do autor, enquanto crítico, que potencializa a denúncia da violência imposta, que desmascara e se mostra através do discurso dos outros.

Quando narra o seu encontro com a ex-aluna no final do livro, o que ela busca é a denúncia e o diálogo com o próprio leitor, mostrando a lógica do sistema em que vive. Sugere qual poderia ser o seu destino, se tivesse desistido da vida escolar, que a propiciou uma vida burguesa. E, por outro lado, faz mea culpa, pois ela própria contribuiu e contribui para a manutenção da reprodução dos lugares. Quer queira, quer não, ela faz parte de toda essa engrenagem descrita por Bourdieu.

Assim, seu texto é um caminho que realiza uma rota que retorna para si mesmo, do momento em que se torna professora até o momento em que conversa com uma ex-aluna, é a tentativa de equilibrar o que não está mais de pé, é a consciência ou sentimento de fazer parte da grande máquina social que engole a todos.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (org). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

ERNAUX, Annie. Bourdieu: Le chagrin. *Jornal Le Monde*, 05/02/2002. Disponível em: <http://www.homme-moderne.org/societe/socio/bourdieu/mort/aernau.html>. Acesso: 10 jun 2013

_____. *O Lugar*. Tradução de António Moreira e Joel Goes. Lisboa: Fragmentos, 1987.

FORT, Pierre-Louis e ERNAUX, Annie. Entretien avec Annie Ernaux. *The French Review*. Vol. 76, N. 5 (Apr. 2003). P. 984-994. Disponível em: <http://c308femmes.files.wordpress.com/2009/03/ae-entretien-avec-pierre-louis-fort.pdf>. Acesso em: 10 jun 2013.

ORTIZ, Renato. A procura de uma sociologia da prática. In: _____ (org.) *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.